Boletim Gaúcho de Geografia

http://seer.ufrgs.br/bgg

PORTO ALEGRE - DO FINAL DO SÉCULO XIX OU DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Gisela Copstein
Boletim Gaúcho de Geografia, 14: 22-27, jul., 1986.

Versão online disponível em:
http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37807/24391

Publicado por
Associação dos Geógrafos Brasileiros

Portal de Periódicos
UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br
Políticas: http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy
Submissão: http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions
Diretrizes: http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines

Data de publicação - jul., 1986
Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

PORTO ALEGRE - DO FINAL DO SÉCULO XIX OU DO INÍCIO DO SÉCULO XX*

Gisela Copstein**

As coletividades geram instituições em resposta às necessidades humanas. Dada à multiplicidade de atividades exigidas pelas áreas urbanas, suas populações apresentam uma dinâmica profissional em processo de diversificação permanente, refletida no crescimento e desenvolvimento citadinos. Os resultados do processo observam-se na conquista de novos espaços urbanos à custa da paisagem circundante e na reforma do espaço urbanizado.

É exigência e atribuição urbana ministrar ensino superior. Nem todo núcleo urbano, porém, pode ou deve apresentar estabelecimentos formadores de elites intelectuais. A cidade sede acadêmica deve, sob pena de insucesso, possuir recursos e necessidades que permitam cumprir a atividade.

Em fins do século passado, a União dos Farmacêuticos de Porto Alegre comandados pela figura ímpar de Alfredo Leal, tomou a iniciativa de dotar a cidade com a primeira escola superior.

Como seria a cidade daqueles pioneiros do ensino acadêmico?

Em rápidas palavras pretendemos responder à interrogação.

Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, era no final do século XIX, cidade pronta para crescer e se transformar na metrópole do século XX.

Na primeira década desse século contava, apesar de deficiências na infra-estrutura, com mais virtudes para a vida urbana do que hoje. Não havia pessoas em demasia, tráfego intenso, poluição, paisagem de edifícios substituindo a visão do verde das colinas e das águas que limitam o núcleo principal.

Porto Alegre nascera junto ao Guaíba por mérito de um pequeno porto de pescadores na desembocadura do Riacho, crescera sobre as colinas da rua Formosa (Duque de Caxias) e junto à praia. Depois se estendera pelas planícies, seguindo as linhas de menor declivi-

(*) Trabalho elaborado para as comemorações dos noventa anos da Faculdade de Farmácia da UFRGS (1895 - 1985).

(**) Professora Adjunta do Departamento de Geografia da UFRGS, Mestre em Geografia.

dade, deixando livre as elevações que a circundavam. Na década de 1890 a principal área urbana ainda estava circunscrita à pequena península junto a qual nascera.

O interflúvio da Duque de Caxias - Independência dividia a cidade em duas áreas distintas: a encosta sul e sudeste e a encosta norte e nordeste. As rampas acentuadas dificultavam o transporte urbano, problema superado com a introdução dos bondes elétricos e de posteriores obras viárias que permitiram progressivamente a integração das chamadas zona norte (industrial) e zona sul (residencial). Essas vocações já se esboçavam no período comentado.

LIMA (1890, p. 6) descreve como "lindíssima" a perspectiva de Porto Alegre, "sendo arrebatadora a vista que se goza não só do lado norte, onde se divisam a grande vegetação das ilhas fronteiras à cidade e as encantadoras confluências dos rios Gravataí, Sinos, Caí e Jacuí, como do lado sul, donde se descortinam prados e colinas virentes e uma infinidade de chácaras de uma vegetação luxuosa e beleza deslumbrante". "A leste e sul da cidade, e à distância de 14, 10 e 5 quilômetros, encontra-se a cordilheira de morros (sic) que se denominam: Sant'Ana, Cascata e Cristal que não excedem a 300 m acima das planícies" (LIMA, 1890, p. 7).

"Porto Alegre possui um porto excelente e um ancoradouro abrigadíssimo e limpo de rochedos" (LIMA, p. 7) onde numerosos navios à vela e à vapor provoavam o litoral da cidade.

A principal área urbana contava com cerca de 2 km de extensão e a periferia não ultrapassava 5 km do centro. Em 1890, eram considerados urbanos 5996 prédios. A cidade possuía 98 ruas e travessas, 33 destas desembocavam no Guaíba e 4 o margeavam. Quase todas as ruas do principal núcleo urbano eram calçadas. As edificações raramente excediam de 2 e 3 pavimentos. Existiam 27 praças e largos das quais 7 arborizadas e dotadas de chafariz. O serviço religioso era atendido por 18 igrejas e capelas. Como principais edifícios havia o Seminário Episcopal, a Escola Militar, a Arsenal de Guerra, a Cadeia Civil, a Câmara Municipal, o Teatro São Pedro, o Mercado, o Ateneu, o Hospital da Sociedade Brasileira União, a Assembléia Provincial, a Igreja Nossa Senhora das Dores e a Igreja Catedral (LIMA, p. 23 e 24). Em diversos dos prédios da cidade o estilo barroco cedia lugar ao neoclássico.

É difícil avaliar precisamente a população de Porto Alegre em virtude das deficiências da estatística da época. Segundo estimativas do intendente MONTAURY (1897), no final do século a população era de cerca de 80.000 pessoas e, em 1910, o recenseamento municipal registrava 96 585 pessoas na área urbana (LIMA, 1912, p. 13).

O crescimento populacional refletiu-se na expansão da cidade e multiplicou-lhe as funções. Analisaremos, sucessivamente, o crescimento territorial da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação dos serviços urbanos e a introdução do ensino superior. No espaço de vinte anos, de 1890 a 1910, a cidade foi beneficiada com significativa infra-estrutura de serviços.

No decênio final do século passado Porto Alegre crescia rapi-

damente em direção aos pequenos arraiais que a circundavam, principalmente graças aos bondes puxados por burros.

A planta de Alexandre Ahrons de 1896 mostrava a capital estendendo-se para o sul pelo Menino Deus em direção do Morro Santa Tereza. Para sudeste seguia o vale do arroio Cascata em busca do arraial do Teresópolis. Para leste esboçava-se o povoamento do arraial do Glória e a estrada do Mato Grosso acompanhava o Partenon para além do Hospício São Pedro. A rua da Azenha já apresentava casario expressivo. Entre a rua da Azenha e o arroio Dilúvio localizava-se o arraial de São Miguel (planta de Jacques, 1888) correspondente a parte do atual bairro Partenon. O centro da planta mostra o vazio do Campo da Redenção ladeado pela avenida João Pessoa já ocupada, um embrião de loteamento em torno da Escola Militar e o Bom Fim já edificado até proximidades da rua Ramiro Barcelos. As maiores declividades, no que hoje é Petrópolis, limitavam a expansão urbana para leste. Para além seguia a estrada denominada na planta de Jacques, Estrada do Meio, e na de Ahrons, Estrada do Capitão Montanha. A nordeste, desenvolvia-se o antigo arraial de São Manoel, hoje parte do bairro Moinhos de Vento, que se comunicava com o centro pela rua Cristóvão Colombo. Para o norte densificava-se a Voluntários da Pátria (antigo Caminho Novo), margeando o Guaíba e alcançando os Navegantes.

A estrutura urbana da época, identifica um núcleo denso no centro antigo, uma área de transição limitada pelas ruas Ramiro Barcelos, Venâncio Aires e a margem do Guaíba e uma área suburbana importante pela presença de chácaras estendendo-se para Santa Tereza, Teresópolis, Glória, Partenon e Navegantes. Estes antigos arraiais foram completamente incorporados após a implantação dos bondes elétricos.

O crescimento além de territorial e populacional, fazia-se sentir também, e sobretudo, na modificação das atividades econômicas que davam suporte para essa transformação.

Após a Guerra do Paraguai, Porto Alegre desenvolveu mais aptidões comerciais favorecidas pela criação da estrada de ferro, que a ligou com a área colonial (Novo Hamburgo) e a fronteira (em direção à Uruguaiana) (HAUSMAN, 1963, p. 13). A cidade alcançava o ano de 1901 com 297 casas de importação e exportação e 1100 de varejo num total de 1397 estabelecimentos comerciais na área urbana (LIMA, 1912, p. 9).

"A área comercial e industrial estava restrita à rua da Praia, 7 de setembro e às ruas circunvizinhas ao mercado, em grande parte mesclada com um grande número de residências. O resto da cidade era quase exclusivamente residencial" (HAUSMAN, p. 23). Entretanto, no final do século a urbe já contava com o desenvolvimento de uma área industrial na porção norte. "Os pequenos artesãos que tinham desenvolvido uma indústria incipiente na área colonial alemã iniciam um deslocamento para a capital, ficando mais próximos do mercado consumidor" (HAUSMAN, p. 13). Na planta de Ahrons de 1896 encontramos assinaladas seis fábricas de cerveja, uma fábrica de tecidos, uma fábrica de móveis, uma de calçados, uma de vidros e uma fundição situadas na maioria na rua Cristóvão Colombo e junto à Voluntários da Pátria. É evidente que esta indicação não é completa mas evidencia a tendência do processo e sua localização. Dez anos

depois as indústrias da área urbana já estão representadas por 11[illegible] fábricas e oficinas, sendo 38 de produtos alimentares, 15 de vestuário e tecidos, 47 de produtos diversos e 18 oficinas (MONTAURY, 1906, p. 76). Eram fábricas que por sua natureza destinavam seus produtos a atender a população urbana, não visando a exportação. As indústrias de maior porte só viriam surgir após a 1ª e 2ª Guerra Mundial pela necessidade de substituição das importações.

Significativa é a ampliação dos serviços urbanos nas duas décadas consideradas para análise. O intendente José Montaury no seu relatório ao Conselho Municipal em 1897 apresentava suas preocupações com o crescimento urbano. A iluminação à gás servia apenas uma diminuta área de 2 km²; pequena superfície dos arrabaldes era iluminada a querosene. Esta situação perdurou até 1908 quando as ruas iluminadas a querosene passaram a receber luz elétrica. Mas já em 1900 algumas residências e casas comerciais dispunham de energia elétrica (SPALDING, 1967, p. 142). Montaury salientava a urgência no melhoramento do abastecimento de água e a implantação de esgotos. Comentava que a área da cidade servida pela canalização da água era muito pequena e insuficiente o abastecimento no verão, principalmente, porque a cidade crescia a um ritmo de 400 casas ao ano. Duas companhias hidráulicas forneciam água por meio de encanamentos assentados na área central. Em 1904, o governo municipal adquiriu a Companhia Guaibense para ampliação dos serviços, instalando novos reservatórios nos Moinhos de Vento.

No ano de 1899 ficaram prontos os estudos da implantação da rede de esgotos mas só foram definitivamente inaugurados em 1912. O perímetro atendido estava limitado pelas ruas Ramiro Barcelos, João Alfredo, Pantaleão Teles e as margens do Guaíba.

Equipamento decisivo para a vida urbana foi a introdução, em 1908, dos bondes elétricos que favoreceram a ligação do centro com os bairros. Já em meados da década anterior a construção de uma estrada de ferro que partia do Riacho e ia até o centro do balneário da Tristeza contribuiu para a urbanização do litoral sul.

O período é de preocupação com a saúde pública. O intendente Azevedo em 1894 (AZEVEDO, 1894, p. 4) falava na introdução da coleta diária do lixo e sua incineração, aterro dos terrenos de marinha, onde se acumulavam toda a sorte de detritos, inspeção do leite e da carne posta à venda e análise das águas para consumo. O exame bacteriológico das águas, em 1892, fora feito em laboratório de biologia do Rio de Janeiro (AZEVEDO, 1892, p. 11). Faltavam à cidade equipamentos e profissionais em número suficiente para atender a diversificação de um núcleo em desenvolvimento.

Montaury, por exemplo chamava a atenção para o ensino de artes e ofícios, observando "o desenvolvimento que vai tendo a classe operária nessa cidade onde constantemente estão sendo estabelecidas fábricas, as contínuas edificações que se fazem - que vão ocupando não pequeno número de operários me anima - a lembrar-vos a fundação de um estabelecimento de instrução de tal natureza" (MONTAURY, 1897, p. 12). A iniciativa da escola de artes e ofícios, Escola Benjamin Constant, foi encampada pelo diretor da Escola de Engenharia que ofereceu as dependências da mesma para seu funcionamento.

No último qüinqüênio do século XIX, Porto Alegre é aquinhoada com diversas escolas superiores. A primeira é a Escola de Farmácia fundada em 1895 e que começou na rua Duque de Caxias em dependências da Escola Normal (prédio do Ateneu). A Escola da Engenharia foi criada em 1896 e em 1900 ocupou um amplo prédio no Campo da Redenção. Nele funcionavam, além da Engenharia, o Ginásio Júlio de Castilhos, a Escola Benjamin Constant e o Instituto Astronômico e Metereológico. A Escola de Medicina e Farmácia de Porto Alegre surgiu em 1898 da união da Escola de Farmácia com o Curso de Partos. O Liceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária foi fundado em 1898 pelo município e, em 1909, reorganizou-se com o nome de Escola de Agronomia e Veterinária. A Escola de Direito data de 1900.

A cidade que os pioneiros de ensino superior porto-alegrense conheceram desprendia-se das amarras do século que findava amparada por equipamentos que lhe permitiriam o desenvolvimento dos anos vindouros. Traduzindo o progresso material da cidade, fortificava-se a exigência da ampliação do ensino nos diversos níveis.

BIBLIOGRAFIA:

AZEVEDO, Alfredo Augusto de - Relatório e Projeto de Orçamento Apresentado ao Conselho Municipal - 1892.

AZEVEDO, Alfredo Augusto de - Relatório e Projeto de Orçamento Apresentado ao Conselho Municipal - 1894 - Tip. Folha Nova, Porto Alegre, 1894

HAUSMAN, Abrão - Aspectos da Geografia Urbana de Porto Alegre in Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul, jan/dez, 1963, Ano VIII, nº 13, Porto Alegre.

LIMA, Antonio de Azevedo - Sinopse Geográfica, Histórica e Estatísca do Município de Porto Alegre. Tip. Gundlach e Cia., Porto Alegre, 1890.

LIMA, Olympio de Azevedo - Dados Estatísticos do Município de Porto Alegre - 1912. Livraria do Comércio, Porto Alegre, 1912.

MONTAURY, José (de Aguiar Leitão) - Relatório Apresentado ao Conselho Municipal, 1897. Tip. A Federação, Porto Alegre, 1898.

MONTAURY, José (de Aguiar Leitão) - Relatório e Projeto de Orçamento para o Exercício de 1907 Apresentado ao Conselho Municipal - 1906. Tip. A Federação, Porto Alegre, 1906.

SPALDING, Walter - Pequena História de Porto Alegre. Ed. Sulina, Porto Alegre, 1967.

MATERIAL CARTOGRÁFICO:

AHRONS, Alexandre - Planta da Cidade de Porto Alegre - 1896. Escala 1:10000.

JACQUES, João Cândido - Planta de Porto Alegre Compreendendo Seus Arraiais - 1888. Escala 1:20000.